

## CONEXÕES ENTRE VICO E ESPINOSA A RESPEITO DA ECONOMIA POÉTICA

*Connections Between Vico And Espinosa About The Poetic Economy*

Gabriela Massarra Santos Heine/PUC-SP

### Resumo:

O tema de fundo do artigo é sobre a economia poética. O objetivo é o de analisar o saber, na obra A ciência Nova de Giambattista Vico e estabelecer conexões com as ideias de Espinosa. O fator humano é analisado sobre os aspectos da filologia e da filosofia. A educação do corpo e do ânimo são de grande importância para a economia poética, então surge a possibilidade de correlacionar conceitos como corpo, mente, natureza, conatus, medo e potência.

**Palavras-chave:** Economia poética, educação, potência.

### Abstract:

The theme of the article is about poetic economics. The objective is to analyze the knowledge in Giambattista Vico's The New Science and to establish connections with the ideas of Espinosa. The human factor is analyzed on the aspects of philology and philosophy. The education of the body and the spirit are of great importance for the poetic economy, then the possibility of correlating concepts such as body, mind, nature, conatus, fear and potency arises.

**Keywords:** Poetic economics, education, power.

### Conexão do saber na economia<sup>1</sup> poética

A expressão economia poética faz referência ao regimento das famílias em um período antes da história e tem por objetivo as práticas educativas do gênero humano dos tempos primitivos. No parágrafo quinhentos e vinte da Nova Ciência, Vico descreve que os heróis sentiram através dos sentidos humanos que a educação do ânimo e do corpo são fundamentais para compor a doutrina econômica. A educação do ânimo foi uma doura metáfora feita para tentar exemplificar que a educação antes de se referir as coisas físicas, ela refere-se às coisas morais personificadas ou mitificadas, podemos pensar a exemplo no ânimo do corpo<sup>2</sup>.

Sentiram os heróis, através dos sentidos humanos, aquelas duas verdades que compõem toda doutrina econômica, que as gentes latinas conservaram com estas duas palavras de educere e educare,

---

<sup>1</sup>Práticas educacionais da primeira idade do homem.

<sup>2</sup>Neste parágrafo da obra, existe uma referência a *animus corpore*

das quais, com predominante elegância, a primeira pertence à educação do animo, e a segunda á do corpo (VICO, 1999, p.225)

Vico critica a filosofia cartesiana, em virtude de seu princípio intelectualista, o qual desconsidera os saberes oriundos dos StudiaHumanitatis que as faculdades pré-reflexivas são necessárias ao desenvolvimento e formação dos indivíduos. Nesse sentido, ele defende um ideal educativo que destacava a integralidade antropológica do homem e seu vínculo com a vida prática e civil. Para Vico, a educação é o processo de formação para a vida prática em que o homem é pensado com base nos liames civil, na medida em que pertence a certa comunidade. Ademais, podemos pensar a ideia de que o homem segue um desenvolvimento natural de formação.

Em sua análise filológica, Vico descreve uma hierarquia cronológica desde os pais heróis em seu estado de natureza, passando pelos os sábios em auspícios, os sacerdotes como os mais dignos em sacrificar para compreender os auspícios, os reis (legisladores) que levam as leis dos Deuses aos seus familiares, foram estes também os primeiros reis nas cidades heroicas que levavam as leis ao povo. Os heróis estabeleciam as leis oralmente e da mesma forma publicava, por que ainda não existiam as letras vulgares.

Ao pensar nos antigos como práticas errôneas e ainda serem qualificados como sábios, criou em Platão a tentativa de idealizar aqueles tempos onde os filósofos reinavam. Esse desejo de Platão nos permite um questionamento acerca de se teria o filósofo sabedoria suficiente para governar ou se esta sabedoria estaria restrita para aqueles de boa essência, que aproveitasse do conhecimento para fazer o bem comum a todos. Sendo assim o rei com boa essência poderia filosofar com os demais para discutir questões e tentar acionar melhores atitudes. Essa seria uma diferente perspectiva para a visão que Platão propõe sobre filósofo ser rei e reis que filosofam.

Esse desejo de ligar alguma sabedoria aos reis faz cogitar nos pais que teriam sido reis monárquicos familiares, superiores a todos, com “impérios armados, assombrosas religiões e consagrados com desumana penas” sujeitos somente a Deus. Para quantificar como inútil o desejo de Platão, as dignidades retratam as pessoas dos primeiros pais junto ao sacerdócio e ao reino. Ambos necessitavam de uma sabedoria, porém era vulgar dos legisladores.

Manifestam que os pais no estado das famílias tiveram de exercer um império monárquico, sujeito somente a Deus, tanto nas pessoas quanto nos bens de seus filhos e muito mais dos fâmulos que se refugiaram em suas terras [...] Tal direito monárquico foi-lhes conservado na lei da XII Tábuas por todos os tempos da romana república: *Patrifamiliasius vitae et necis in líberos esto*<sup>3</sup> e de que é consequência: “*Quicquidéfiliusacquit, patriacquirit*”<sup>4</sup>(1999. Dignidade LXXVII)

Essa tradição monárquica demonstrou ser um erro comum a todos os políticos, no caso Vico poderia fazer aqui uma referência aos tratadistas Grotius e Bodin, por julgar ser monárquica a primeira forma de governo civil. Ele questiona sobre a liberdade originária, com sua simplicidade e talvez falta de civilidade, onde a natureza, a espontaneidade, a igualdade do Estado, onde todos os pais eram soberanos no seu recinto familiar.

---

<sup>3</sup>Traduzido por Marco Lucchesi por “Que o pater famílias tenha direito de vida e de morte sobre os filhos”.

<sup>4</sup>Traduzido por Lucchesi por “O que quer que o filho adquira, ele adquire para o pai”.

A natural liberdade é tanto mais feroz quanto mais os bens aos corpos estão ligados, e a civil servidão acaba por induzir-se como os bens ocasionais não necessários à vida. Esta dignidade, na sua primeira parte, é um outro princípio do natural heroísmo dos primeiros povos; na segunda, traz o princípio natural das monarquias (1999. Dignidade XCIV)

Vico reflete sobre os *homens gentis* em sua selvagem e nativa liberdade onde possuíam uma “imensa família”<sup>5</sup> que com o tempo viriam a se domesticados, nos estados tornar-se-iam civis, obedecendo as leis na proporção que a disciplina estivesse presente em suas vidas.

Ao pensar no que ficou daquela propriedade, o sentimento que as repúblicas fossem mais felizes do que idealizou Platão, onde os pais somente ensinavam religião, seus filhos seriam vistos como sábios referenciados como os sacerdotes e temido como os reis. Era preciso muita força divina para reduzir apenas aos deveres humanos a vida daqueles nativos e rudes.

Com o intuito de não permitir que a história se tornasse uma abstração era preciso um suporte divino “*fides deorum*”<sup>6</sup> para servir como uma âncora<sup>7</sup> e ter concretude. Então é narrada a lira de Orfeu, onde se canta a força dos deuses nos auspícios reduzindo as feras gregas em humanos. As pedras que Deucalião e Pirra tinham diante do templo de Têmis<sup>8</sup>, as cabeças estavam veladas com a pudicícia do matrimônio, os pés à frente e ao lançar-se atrás introduziram as ordens familiares por meio da disciplina econômica e desta forma se fizeram os homens.

Além de se utilizar a “força dos deuses”<sup>9</sup> para disciplinar a família, outra forma de disciplina era através da educação dos corpos gregos, talvez daí se encontre a origem do culto aos belos corpos gregos. Os homens teriam motivos para admirar a providência divina, por alertá-los, antes que ocorresse a educação econômica, eles deveriam se tornar gigantes e fortes para que em seu caminhar pudessem suportar as adversidades do céu e das estações. Seriam fortes para adentrar a selva, fugir das feras e quando estivessem perdidos, com fome, conseguiriam se estabelecer com suas mulheres a princípio nas grutas e quando encontrassem fontes perenes poderiam se estabelecer nos campos, onde criariam uma cultura. Diante deste processo de sobreviver, viver e constituir vida em conjunto, os homens transitariam de corpos robustos e selvagens para corpos com justa estatura decorrente ao seu novo estilo de vida, como uma espécie de seleção natural.

No que se refere à outra parte da disciplina econômica, que é a educação dos corpos, esses pais, com assustadoras religiões e com seus impérios ciclóticos e com seus banhos sagrados, começaram eduzir ou tirar para fora dos corpanzís gigantescos de seus filhos a justa forma corporal humana [...] até que sucedesse a educação econômica, os homens dispersos se tornassem gigantes. (VICO, 1999, p.227)

No desenvolver da econômica, completaram a ideia que o fruto do trabalho dos pais, seus meios de subsistência, seria herdado aos seus filhos para garantir-lhes um futuro fácil e cômodo afim de que se conserve a família para que desta maneira os herdeiros

<sup>5</sup>Ciclótica familiar disciplina, a economia poética.

<sup>6</sup>Força dos deuses.

<sup>7</sup>No texto é utilizada a expressão em grego, corda

<sup>8</sup>Representação do temor da divina providência.

<sup>9</sup>Poder divino que poderia exigir obediência e caso contrário castigar.

possam continuar o legado ou que façam ressurgir as nações. Por isso se preserva a importância de conservar os meios.

E que devam deixar-lhes seu patrimônio em lugares salubres, com água própria perene, em sítios naturalmente fortes, onde no desespero das cidades, pudessem fazer a retirada, e nos campos largos fundos onde pudessem manter pobres camponeses, na ruína das cidades, refugiados, com as fadigas das quais se pudessem manter senhores<sup>10</sup> (VICO,1999, p.227-228)

As ordens estabelecidas pela providência não deveria ser vista como tirana das leis, mas rainha das coisas humanas. De acordo com a dignidade CIV, a lei era feita para o rei e se o mesmo era déspota seria por ter sua natureza decaída e fraca. Logo a lei não era animada pela razão natural. Os costumes de se tolerar um rei tirano existem em decorrência dos costumes humanos provenientes da natureza comuns da nação, eles se justificam por estabelecerem o direito de conservação da sociedade ou para o estado de família. A natureza humana de qual saíram os costumes é uma natureza percebida como sociável.

“Se existe um direito de natureza ou se o mesmo habita a opinião dos homens...”se a natureza humana era sociável”. Pois o direito natural das gentes, tem sido ordenado pela consuetude (que Díon afirma comanda prazerosamente como rei), não ordenado por lei [(que Díon afirma comandar pela força como tirano); (1999. Dignidade CIV)]

Existe uma noção que os costumes eram estabelecidos para o Estado de Família. Era um costume de quase todas as capitais dos povos serem constituídas nos altos das montanhas, devido a sua fortaleza e estratégia. As aldeias eram dispersas pelas planícies e assim estariam mais vulneráveis. Da mesma maneira os heróis “*illustri loco nati*” para denominar os nobres, habitavam nas cidades e “*obscuri loco nati*”, os plebeus, moravam nos campos.

Os políticos consideravam que as famílias foram unidas pelas fontes perenes e as primeiras comunidades foram denominadas de *Fratrías*<sup>11</sup>e as primeiras terras foram denominadas de *Pagi* pelos latinos. A água era considerada a primeira das duas principais solenidades das núpcias. Os romanos celebravam “*aqua et igni*”, os primeiros matrimônios eram constituídos de homens e mulheres que possuíam a água e o fogo em comum, logo pertenceriam a mesma família, pensando assim, os primeiros matrimônios deveriam ter sido constituídos por irmãos e irmãs.

A simbologia do fogo era considerado como o Deus de cada casa, na lareira o pai sacrificava aos deuses da casa, que segundo Jacó Revardo eram chamados por “*deiveiparentum*”, outra expressão semelhante seria deuses dos pais e Deus de nossos pais.

De cujo fogo era deus o lar de cada casa; de cuja origem se diz “*focuslaris*” a lareira, onde o pai de família sacrificava aos deuses da casa, os quais na lei das XII Tábuas, no capítulo De parricídio, segundo a lição de Jacó Revardo, são chamados “*deiveiparentum*”; e na sagrada história lê-se frequentemente expressão: “Deus

<sup>10</sup>Existiria na frase a importância dos servos em prestar serviços para os senhores para assim manter o sustento do rei.

<sup>11</sup>A cidade antiga

parentumnostrorum”, e mais abertamente: “Deus Abraham”, “Deus Isaac”, “Deus Iacob (VICO, 1999, p.229)

Cícero concebia: “conservai os sagrados objetos familiares perpétuos”. Nas leis romanas, o filho de família e a pátria eram considerados ancestrais sagrados. Existia uma potestade em sacralizar um filho “in sacris paternis”, sendo assim, nos primeiros tempos as razões eram tidas como sagrados. Um costume que foi observado pelos bárbaros era que o pai de família sempre ateara fogo em um tronco na noite do Natal. Desta maneira, pelas chamas vistas de longe, as famílias se contavam.

O costume de que os matrimônios deveriam ser concedidos entre os cidadãos, surge após as cidades serem fundadas, em seguida, ficou acordado que os matrimônios contraídos com estrangeiros dever-se-ia pelo menos ter em comum a religião.

### **Algumas considerações**

As sepulturas foram consideradas o terceiro princípio da ciência. Os gigantes pios começaram a enterrar os seus mortos por ressentirem o mau cheiro dos cadáveres em decomposição. Eles cercaram o local do enterro com um ritual religioso e assim surgiu a crença universal sobre a imortalidade das almas. Com o sepulcro, os gigantes demonstraram ter domínio sobre suas terras o que em razão romana ficou a ideia de sepultar os mortos em um lugar específico sob respeito religioso. A ideia de colocar nas lápides as expressões “somos filhos desta terra”, “nascemos deste carvalho”, provem desta época em que deveria significar a origem de nobreza ou uma linhagem. Nobres casas da Europa tomam os cognomes das terras em que dominam. Contrapondo a ideia de que as primeiras tribos foram de nobres e a princípio somente de nobres formaram as cidades, pensa-se nos nativos, os gigantes, chamados sem origem, também deveriam ser considerados “filhos da terra”, desta forma a terra seria mãe dos gigantes e dos deuses.

Teve-se como sinal de sepultura fincar um cepo que foi chamado pelos gregos de guardião, pois tinham a ideia de que o cerpo os protegeriam. Existe uma forte conjectura de que as primeiras terras com os mortos sepultados tenham sido os antepassados do proprietário. A origem da expressão “filius” era para distinguir o nome ou sobrenome do pai assim como ficou definido que pode chamar o pai pelo nome.

A divisão do mundo em quatro idades, ouro prata, bronze e ferro foi uma criação dos poetas dos tempos baixos, a idade do ouro pode ser vista como uma expressão poética simbolizada pelo trigo alimento importante para os povos deste tempo, sendo que os metais ouro e ferro eram indiferentes provavelmente por sua abundância na época e a avareza humana fez com que diminuísse. A idade do ouro foi atribuída aos primeiros gregos cuja inocência se encontrava na ferocidade dos polifermos, reconhecidos como primeiros pais de família que se encontravam separados, solitários em suas grutas com suas mulheres e filhos sem se envolver na vida dos demais.

Os filólogos e filósofos acreditavam que as famílias ditas por estado de natureza não tenham sido senão de filhos quanto também de famílias de fâmulos o que demonstra por errada econômica em estabelecer uma falsa política. Há de se pensar que uma nação estaria em risco podendo exaurir-se quando os nobres desprezassem a sua religião nativa.

### **Aproximações com Espinosa**

O texto sobre a economia poética fala sobre a importância da educação do ânimo e do corpo na época citada. Torna-se necessário perceber o aspecto político como uma forma de manobra do meio. Para compreender esta visão é importante captar alguns conceitos em Espinosa. Corpo e mente constituem uma unidade. A educação do corpo se relaciona aos afetos como constituintes da natureza e que por isso não se deve extingui-los

e sim apreendê-los. Em Espinosa, nos apreendemos a substância sobre duas dimensões, como extensão e como pensamento. Quando o corpo e pensamento são visto como uma unidade, podemos pensar as causas de aumento e diminuição de sua potência. Desta maneira Espinosa pensa que o conhecimento não pode ser visto em uma dimensão dissociada. Um tipo de conhecimento implica um tipo de vida, outro tipo de conhecimento implica outro tipo de vida.

Os afetos e as paixões se relacionam com o corpo. Durante um tempo na filosofia, o corpo foi visto como algo não digno e a alma sendo superior. Espinosa salienta que eles fazem parte da natureza por isso torna-se preciso compreendê-los e não os julgar. Se os afetos fazem parte da natureza, o que seria natureza para Espinosa? Ela é a potência infinitamente infinita, ou seja, por todo o tempo. Podemos chama-la também de Deus, ambos possuem o mesmo significado na sua dimensão material e imaterial.

A natureza é infinita e nós somos seres finitos, limitados por natureza, mas exprimimos parte da potência infinita dela. Essa potência em ato, ou exercício de potência, é chamada de modo por Espinosa e pode ser vista como uma espécie de dobra.

Se a natureza é infinita nada falta nela, nada está errado, ela é perfeita. Logo os afetos não devem ser extintos e sim apreendidos. É preciso nos livrar das nossas interpretações humanas demasiadamente humanas. A compreensão é uma potência do pensamento e dela se resulta um deleite, alegria, é o que produz o aumento de potência.

A natureza do homem repete de maneira finita a mesma estrutura da substância infinita. O movimento interno do corpo e das ideias da mente constitui a essência do homem, que é chamada de conatus, onde podemos pensar que cada coisa se esforça paraperseverar em ser, ou existir. O mundo exterior aparece como um conjunto de causas que podem diminuir ou aumentar o poder do conatus de cada um.

A educação do corpo na economia poética pode ser interpretada como uma forma de sobrevivência na época, cultivar um corpo grande e forte seria essencial para superar as adversidades que poderiam ser terrenas ou celestes.

Pensar em se preparar para um castigo divino, permite perceber uma maneira de estabelecer certa ordem social proveniente do medo que a crença em um Deus vingativo causaria e então associá-lo com a necessidade de educar o ânimo, que com o tempo superará a educação do corpo, tornando-o mais eficaz e mais duradouro entre os reis.

No tratado teológico político de Espinosa explicita que as pessoas mais propensas os demais gêneros de superstição são aqueles que desejam sem medidas os bens incertos e tratam a sabedoria humana como uma forma de vaidade que fazem acreditar que delírios e imaginações humanas pudessem ser respostas divinas, a começar pela consulta aos auspícios que buscava nas entranhas dos animais o que deveria ser visto na alma humana.

As superstições nascem e se sustentam pelo medo. Torna-se mais fácil administrar um povo que tenha medo e não intente em lutar, do que o contrário. O modelo político do medo ainda persevera nos dias atuais.

[...] “nenhum meio de governar a multidão é mais eficaz do que a superstição”. Pelo que se chega a induzi-la facilmente, sob o manto da religião, seja para adorar os reis como deuses, seja para execrá-los ou detestá-los como praga comum ao gênero humano (ESPINOSA, 1717,§5)

Para Espinosa, cada indivíduo é um grau de potência. Ele é a relação de velocidade e lentidão. Se pensar no corpo humano, como ele flui, o bater do coração, o seu ritmo, se houver alteração nesta relação de velocidade e lentidão, ele pode se

desmanchar. Torna-se importante ainda perceber essa relação de velocidade e de lentidão com o outro, é como uma química dos encontros. Devemos evitar os que nos decompõe, o que for um mau encontro, diminui a potência e não proporciona alegria. O medo diminui a potência de um ser, logo é preciso saber vencê-lo.

### Referências

DELEUZE, G. *Espinoza: Filosofia prática* (1981) São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Teológico-Político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d.

LIMA, J. E. P., *A Estética entre os Saberes Antigos e Modernos, na NuovaScienza, de Giambattista Vico*, São Paulo, Educ-Fapesp, 2012.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*. São Paulo: Paulus, 2004.

VICO, Giambattista. *A ciência Nova*. Tradução Marco Lucchesi. Editora Record, 1999.

VICO, Giambattista. *Princípios de uma nova ciência nova* (acerca da natureza comum das ações). Seleção, tradução e notas prof. Antônio Lázaro de Almeida rado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.